

## Uma vida de Rock e Blues

**A Sedução do Rock.** O Rock entrou na minha vida muito cedo. Elvis Presley, Bill Halley, Brenda Lee, Dion, Little Richard e muitos outros determinaram o meu gosto e prazer musical.

Não que eu não gostasse de Bossa Nova, mas ela não tinha o mesmo efeito sobre mim. Como deduziu Nelson Mota, o Rock era uma tendência da classe média baixa paulistana, enquanto que a Bossa Nova penetrou melhor nas camadas mais elitizadas da sociedade, particularmente do Rio. Em outras palavras, BN se tocava a beira mar, R&R se tocava na Barra Funda em São Paulo.

No início dos anos sessenta eu já era fanático pelo Rock que embalava meus sonhos e romances, e pensava que nada mais poderia ser criado dentro daquele gênero, até que ouvi os Beatles. Eles exerceram um fascínio que eu ainda não havia experimentado. Mais do que ouvir e dançar suas músicas se desencadeou um desejo muito forte de toca-las. E assim, por causa dos Beatles eu comecei minha vida musical. A estória começou assim. Eu havia comprado um disco do Beatles e o levei para tocar no Centro Acadêmico da escola. Um colega de classe o qual eu não ia muito com a cara me pediu o disco emprestado e eu muito decididamente disse: não!

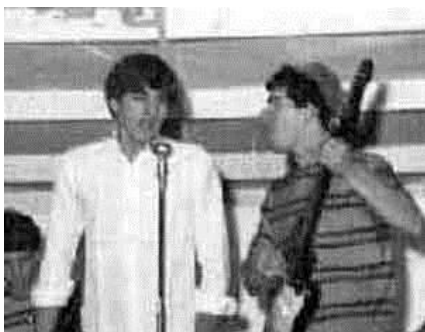
Passado algum tempo, dia dos professores, festa na sala de aula, surge o mesmo cara com um violão e solta os acordes iniciais de *I wanna Hold your hand*. Foi um choque! Descobri que era possível tocar aquela música num violão. Não hesitei, cheguei nele e disse: você me ensina tocar esta musica? E ele respondeu: e você me empresta o disco?

Assim começou uma parceria musical com o Ghizzi que se transformou numa irmandade que dura até hoje.

**Os Ginetes.** O Guizzi viria a me ensinar os primeiros acordes e eu viria a ser seu primeiro parceiro musical. Um violão emprestado, longas noites de treino, muita dor no dedo, mas, logo os três acordes do *La Bamba*, os mesmos do *Twist & Shout* e do *Do You Love?*, já se faziam ouvir. Nossa primeira banda era uma dupla.



O Guizzi quer pela sua competência musical, quer pela sua liderança autoritária criou os **Ginetes**, um nome que não gostei, mas que, como bom discípulo acatei. Os Ginetes animou festinhas em colégios, e seu grande feito foi ter chegado à televisão em 1965, participando em programas na desaparecida TV Tupi (Na Crista da Onda), na TV Paulista (Cana 5 – hoje Globo) e TV Excelsior (no Canal 9 – Manchete e hoje Rede TV!). Lá conhecemos e participamos de programas com os ídolos da época, como o Eduardo Araújo, Luis Gonzaga, Silvinha, Sergio Reis, mas, nunca conseguimos chegar a Jovem Guarda.



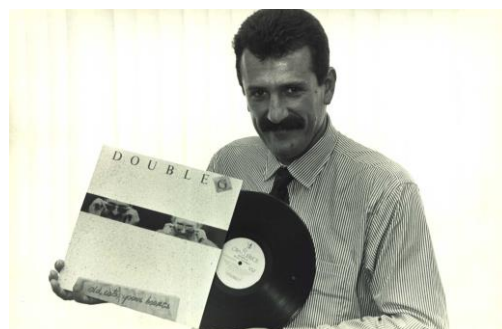
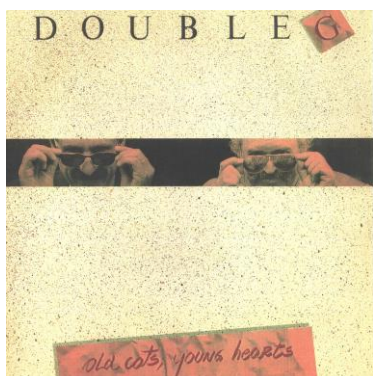
**Os Atômicos.** Os Ginetes se dissiparam e eu e Guizzi seguimos juntos na formação dos **Atômicos**. O baterista da banda era um bailarino de *twist* (Chupeta) que ficou muito famoso dançando na Boate Lancaster e conhecia muita gente. Ele conseguiu arranjar lugares interessantes para a gente tocar, tais como a Boate Chairman na Rua Major Sertório, na boca do lixo de São Paulo. Nosso mega show foi em Jaú para um público de mais de três mil

pessoas. Mesmo com toda vitalidade dos 16 anos, ainda assim era duro tocar, estudar e trabalhar. Uma coisa estava clara: da música eu não conseguiria viver. Este desafio seguiu até 1969, quando depois de ralar um bocado estudando, entrei na Getúlio Vargas em São Paulo e interrompi minha carreira musical. O Ghizzi foi viver uns tempos no Estados Unidos e depois seguiu a sua carreira tocando com vários artistas da Jovem Guarda, inclusive o Roberto Carlos.

**Viver é preciso, navegar não é preciso.** No início dos anos 70, o foco da vida mudou para a carreira gerencial e acadêmica, as quais progrediram bem, e ao final dos anos setenta eu já ocupava um cargo gerencial e era professor da Getúlio Vargas em São Paulo. Entretanto, a vida musical não parou. Continuei compondo e gravando minhas próprias músicas nos meus gravadores caseiros, vivendo uma vida musical paralela. Quando me deixavam dava uma canja nos show do Ghizzi.

<https://youtu.be/tDVaMLfDg9Q>

Na época em que eu dava aula na Getúlio conheci no bar da escola o **Cyd Alvarez**, pianista jovem, ainda com cabelos, que intermitentemente me acompanhou na vida musical.



**A bateria que virou disco.** Foi em 1985, quando entrei para a American Express, que novos acontecimentos levaram a novos rumos musicais. Com as oportunidades de viagens frequentes para os EUA, decidi atualizar meus equipamentos de música. Numa viagem, decidi comprar um *ritmo eletrônico*, excelente equipamento para quem costuma tocar sozinho. Na loja, lá nos *Estates*, o vendedor me apareceu com uma novidade, a bateria eletrônica, que permitia programá-la. Eu não precisaria mais me aprisionar aquelas *batidinhas* limitadas. Na mão do vendedor a coisa parecia simples, mas não era bem assim. Quando cheguei ao Brasil e tentei fazer a coisa funcionar, não deu certo. Como sempre, se o problema era música, o sábio de plantão para resolvê-lo era o Ghizzi. E lá fui eu, mais uma vez, em busca de sua competência musical. Obviamente ele já tinha uma bateria muito melhor que a minha, a qual podia inclusive editar uma música com começo meio e fim, com todas as variações, como um baterista de verdade. A sugestão que ele fez naquele momento abriu uma nova porta na minha vida musical: vamos editar suas músicas para você poder tocá-las sozinho!

#### **Nasce os *Old Cats, Young Hearts***

Para encurtar a história, aos poucos e num longo processo de cinco anos, ele editou 20 das minhas músicas. Numa Segunda fase, as gravamos em casa em 4 canais. Depois, durante outro longo período gravamos o disco no estúdio **Cria Cuervos** do **Nelson Dutra**. Finalmente o disco foi mixado no estúdio Interson.

Como um bom gerente de produto, fui atrás de toda a infraestrutura: registro autoral, masterização, prensagem, desenho de capa, locação para fotos, etc. Nesta época conheci grandes amigos que muito me ajudaram a



concretizar o sonho. **Sandro Solsona**, grande artista plástico, fez a capa com ajuda de seu sócio Marcelo. Nosso fotografo foi o **Silvio Dutra**, irmão do Nelson. No início de 1991o disco *Old Cats, Young Hearts* estava pronto. O disco seria apenas meu, por serem todas minhas músicas e eu cantá-las todas. Mas sendo o Ghizzi o grande concretizador da obra decidi que a pseudobanda se chamaria **Double G**: G do Gomes e G do Ghizzi, uma alusão ao nome dos Bee Gees, ou melhor, Brothers Gibbs, e ao Kenny G.

Entretanto, nem tudo funcionou bem. Primeiro que as vendas não foram aquele sucesso, e, meses depois de eu lançar o disco de vinil, o mundo vira CD, e as pessoas começam a aposentar seus toca discos.

<https://youtu.be/TkGaCuFqA64> Programa Metropolis TV Cultura  
<https://youtu.be/3EZwAGdTYnU> Centro empresarial com Derico.

**O Double G chega aos palcos.** Com o lançamento do disco, os amigos passaram a exigir um show. Formamos um Double G, que tinha pouco a ver com o disco. Faziam parte da banda o Ghizzi, **Petch** Calazans, e **Franklin** Paulilo. Em 29 de Setembro de 1991 (aniversário da Suzana minha esposa) o Double G faz sua primeira apresentação num show beneficente no Café Piu-Piu. A coisa funcionou tão bem que ficamos fixos na casa por vários anos.

<https://youtu.be/1y6XALab3qg>

Ao longo do tempo tocamos no Aeroanta, no Paladiun, na Kripton e várias outras casas de São Paulo. Mas, com certeza o melhor momento da banda foi quando ela passou a se apresentar no Bourbon Street Music Club. A casa recém inaugurada era, e continua sendo a melhor casa de Blues, Jazz e depois de nós também de Rock, de São Paulo. Com o tempo o Ghizzi voltou a se dedicar aos seus projetos musicais e deixou o Double G. Isto me obrigou a assumir a liderança da banda, e trazer outros excelentes músicos. Com Chiquinho de Almeida, rabugento, mas excelente saxofonista e Romeu Altireri (Guitarra e vocais) o Double G seguiu até eu me mudar para o Rio. A estratégia do Double G sempre foi contar com músicos profissionais *free-lancers*. Isto sempre garantiu um bom resultado, e um turn-over que demandava rápidas adaptações.

**Rock na terra da Bossa Nova** Em 1998, deixei São Paulo, para me juntar à equipe que construiria a ATL no Rio. Lá o Cyd logo me disse: *Jorge, tocar Rock aqui no Rio é difícil!* Como bom amigo, ele topou gastar vários domingos ensaiando para uma eventual dupla de guitarra e piano, ao mesmo tempo que guerreávamos com duas crianças (João Pedro e Maria Eduarda – minha afilhada) que não deixavam a gente em paz. Do terraço do seu apartamento eu via o Cristo, e esperava pelo seu aplauso, mas ele se manteve de braços abertos. Eu já começava a me render ao ostracismo quando num *jamsession* na casa do Cyd conheci um baterista muito simpático, **Chico Pessanha**, que me convidou para ir vê-lo tocar num bar em Botafogo e logo descobri que ele tinha dois filhos que tocavam baixo e guitarra, respectivamente o **Leo Pessanha** e o **Chico Mazza**. Combinamos um ensaio tentativo no Estúdio Hanoi e sentimos que havia sintonia no ar, e que ia dar Rock. Ali mesmo, no Hanoi, nasceu o **Nights of Rock & Blues – NRB**, um nome escolhido por um motivo muito especial: falta de opções.



**s noites de Botafogo não foram mais às mesmas** Em Dezembro de 1999, milênio passado, a banda faz sua primeira apresentação no **Satchmo**, e lá se apresentou todas as quintas feiras até quando pela imperícia da gestão fechou em 2002. No início o Chico Pessanha avisou para procurarmos outro baterista, pois aquela *não era sua praia*. Com o sucesso retumbante do NRB ele acabou se sucumbindo, e, em conjunto com o Cyd, contribuindo para uma importante mistura de rock e Jazz uma marca da NRB. Comecei a explorar este lado fazendo arranjos de clássicos do Rock e compondo novas músicas. A formação da banda não parou por aí. Aos poucos um colega de Recursos Humanos chamado Antônio Linhares e que se transformou em **Little Antony**, assumindo sua dupla personalidade, e se consagrando como um grande *showman*. Também apareceu no Satchmo um gaitista abandonado, que foi adotado e integrado ao grupo para fazer uma carreira de glória, o grande **Tony da Gaita**. Sua contribuição foi nos dar uma linguagem de Blues mais eficaz, que a gente estava precisando. Como um exercito de *Brancaleone*, os setes componentes da NRB continuaram lutando contra manifestações musicais de baixa qualidade ou apenas (mente) chatas. Em pouco tempo já éramos uma das bandas *menos* conhecidas do Rio. Continuamos na busca de uma existência divertida, aonde o prazer pela música vinha em primeiro lugar. Começamos a nos apresentar no **Bastidores Bar** (e cumprindo com nossa tradição ficamos lá até ele fechar) Tocamos no Mistura Fina (que também fechou) no ATL Hall (que não fechou mas mudou de nome) e Hard Rock Café (há rumores que um dia vai fechar), Casa de Cultura da Estácio de Sá. Nossa vocação pela cidadania nos levou a vários shows beneficentes. Em resumo, o Rio acabou se transformando numa grande paixão e oportunidade musical. A banda ficou cada

vez mais divertida e competente, ganhando público e amigos. Cada apresentação era uma festa. Mas infelizmente um dia acabou...

**Deportado para São Paulo.** Quando eu já estava climatizado e apaixonado pelo Rio e achei que ia viver lá o resto da minha vida, fui deportado para São Paulo com a compra da BCP. No Rio, o NRB implodiu e cada um seguiu seu caminho musical. Em São Paulo, logo procurei o Romeu e começamos a ensaiar. O Romeu investiu no canto e descobrimos uma combinação de timbres interessante e a **Double G** foi revivida. A idéia era formar um dueto de vozes e violões para atacar em pequenos bares, pois a concorrência é brava! Graças ao Robert Wong, conheci o pessoal do **Jam Warehouse**, participamos de uma jam com a Biba, e fomos adotados. Aos poucos a banda foi retornando.



O **Chiquinho de Almeida** (sax), o Petch, o Ghizzi, o Luizinho, o **Rodolfo** (baixo), o **Elvis** (bateria e ..Vocais!), o **William**, o **Nelson**, o **Franklin**. Retornamos ao **Bourbon Street**. Tocamos no **Musikos**, no **O Garimpo** e outras casas menores. Gravamos o programa **Canja do iG**. Fizemos várias festas. O Romeu gravou um CD com músicas próprias e já está terminando outro. Seguimos em frente com muito Rock divertido, de bom gosto e bem feito.



O **pequeno Eddie**. Uma das minhas alegrias é o pequeno Eddie, meu neto, que aos poucos segue os passos musicais do avô (eu!). Um momento mágico foi sua presença no palco do Bourbon Street na celebração dos meus sessenta anos (pasmem!). <https://youtu.be/Z0CfDjTAAtAw>



**JamWarehouse para Charles Edward.** Um dia o pessoal do Jam se cansou da nossa música e fomos demitidos. Do problema surgiu a oportunidade. Fomos para o Charles Edward onde fazemos o happy hour das quartas feiras (das 20 às 22 horas) com um repertório cheio de músicas que voce gosta e que ninguém tem coragem de tocar, só nós!

*Old Cats, Young Hearts. Lembre-se que você tem duas chances na vida para ser jovem: Uma quando é jovem. Outra quando decide ser jovem. Essa é a nossa alternativa!!!!*

Beijão a todos

Jorge Fornari